

INFLUÊNCIA DO GÊNERO NO *BULLYING* ESCOLAR

Influence of gender in school bullying

Viviane Heck da Silva¹ e Ana Cl Osiecki²

¹Licenciada pelo Centro Universitário UniDomBosco e Bacharel em Educação Física pela PUCPR, Curitiba Brasil.

²Professora no Centro Universitário UniDomBosco.

Autor para correspondência:

Viviane Heck da Silva.

Centro Universitário UniDomBosco - Av. Presidente Wenceslau Braz, 1172, Guaíra- Curitiba-PR.

vivi.heck.silva@hotmail.com

► RESUMO

Há uma crescente discussão sobre violência e esta pode ocorrer especificamente em ambiente escolar se manifestando através da intimidação sistemática conhecida como *bullying*. Este estudo de revisão teve como objetivo pontuar o significado do *bullying*, do *bullying* escolar e suas repercussões no agredido, apurou também a questão do gênero e a sexualidade na escola. Também relacionou o gênero e a identidade de gênero ao *bullying* escolar, verificando como o gênero tem influência direta nas ações de *bullying* e que a identidade de gênero também pode provocar algumas dessas ações. Sabe-se que as ações de *bullying* provocam diversas consequências tanto para vítimas, quanto para agressores e demais participantes desse fenômeno, e que suas ações devem ser evitadas antes de causar maiores danos. Deve-se capacitar todo o corpo docente e pais/responsáveis pelos alunos para que estes saibam identificar as ações de *bullying* e intervir corretamente. Uma intervenção efetiva pode ser realizada

durante o recreio/intervalo escolar, momento no qual a interação entre pares é mais facilmente observada e conseqüentemente, as ações de *bullying*.

Palavras-chave: *Bullying*, identidade de gênero, *bullying* escolar.

► ABSTRACT

There is a growing discussion about violence today and this violence may occur specifically in the school environment manifesting itself through the systematic bullying known as bullying. This review study aimed to identify the meaning of bullying, school bullying and its repercussions on the victim, investigated the issue of gender and sexuality in school, relating gender and school bullying. It also related gender and gender identity to school bullying, verifying how gender has a direct influence on bullying and that gender identity can also trigger some of these actions. It is known that the actions of bullying cause diverse consequences for both victims, aggressors and other participants of this phenomenon, and that their actions should be avoided before causing greater damages. The entire faculty and parents / guardians should be trained so that they are able to identify bullying and intervene correctly. An effective intervention can be performed during school play, at which time peer interaction is more easily observed and, consequently, the actions of bullying.

Keywords: Bullying, gender identity, school bullying.

► 1 INTRODUÇÃO

Atualmente há uma crescente discussão sobre violência presente na sociedade, mais especificamente a que acontece em ambiente escolar. Essas discussões atentam para o fato de que com o aumento da violência nessas instituições de ensino, há uma preocupação sobre sua repercussão e suas consequências nas vidas e ações dos adolescentes e crianças inseridas nesse meio.

A violência é considerada um problema de saúde pública, com consequências individuais e sociais e com repercussão mundial, causando danos aos seres vivos, e violando sua integridade física (NETO, 2005; FANTE, 2005).

Sabendo que o ambiente escolar é palco das ações de violência e considerando que parte dessa violência é caracterizada pelo fenômeno conhecido como *bullying*, a escola tem papel fundamental na construção da personalidade dos indivíduos. Se este indivíduo não for bem estimulado para desenvolver todas as suas capacidades ou se seu aprendizado for interrompido por ações fora de seu controle, podem ocorrer problemas desastrosos em relação ao seu bem-estar físico e psicológico, podendo ser irreversível e repercutindo em sua vida adulta. As consequências que o *bullying* pode provocar podem ser trágicas, e cabe aos professores e responsáveis identificar e impedir a ocorrência deste fenômeno destrutivo (CONFEEF, 2017; BRASIL, 2015; LOURO, 2000).

O fenômeno conhecido como *bullying* ou intimidação entre pares é definido como “comportamentos agressivos e persistentes realizados por um indivíduo ou um grupo, contra um ou mais indivíduos, geralmente sem defesa das vítimas”. Neste fenômeno existem vários papéis desenvolvidos, sendo eles: Vítima típica; vítima provocadora; vítima agressora; agressor; espectador; co-agressores e pode ser classificado como: *bullying* direto; *bullying* indireto, e *cyberbullying* (FANTE, 2005; OLEWUS, 1993; NETO, 2005).

O fenômeno pode ser manifestado de várias maneiras e realizado tanto por meninos, quanto por meninas, tendo suas ações e consequências sendo relacionadas ao gênero. Deve-se então considerar que as relações de gênero e *bullying* se dão através de um contexto cultural e que as diferenças entre gêneros são importantes para compreender a relação entre pares nas formas de ações e manifestações do *bullying*. (MERLIM, 2013).

Assim este estudo teve como objetivo identificar a influência que o gênero tem na ocorrência do *bullying* escolar e como isso influencia no modo como os alunos enxergam seus corpos e entendem sua sexualidade. Sendo assim, qual é a influência do gênero e identidade de gênero relacionada ao *bullying* escolar? E quais as melhores formas de intervenção para identificar e impedir que esse fenômeno aconteça?

► 2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA

A violência pode ser definida como um fenômeno que sempre foi presente na vida humana, que faz parte historicamente da vida social e só pode ser explicado a partir da cultura, política, economia e fatores psicossociais, presentes nas sociedades humanas. O termo violência também pode ser definido como uma ação ou comportamento que causa dano à outra pessoa ou ser vivo, negando a autonomia, violando sua integridade física ou psicológica e o direito à vida. Sendo uma ação direcionada a uma pessoa ou a um grupo, a qual prejudica a integridade física, moral ou cultural, provocando acontecimentos ou mudanças na sociedade, que é atingida negativamente (CANDAU; LUCINDA e NASCIMENTO, 1999 e PRIOTTO, 2009).

As ações que definem o termo violência são relacionadas além da agressão física, à falas ofensivas, empurrões, xingamentos e humilhação

e a violência está presente quando há abuso, ameaça, intimidação danos e físicos a outros. Pode ser caracterizada como um obstáculo crescente e ameaçador, sendo considerada um problema de saúde pública importante e crescente no país e no mundo, com sérias consequências individuais e sociais. A violência é universal e sempre existiu. O que surpreende e preocupa é que, nas últimas décadas, ela passou a se manifestar nas escolas (DEBARBIEUX, 2002 e MENDES, 2010).

Considerando um dos ambientes nos quais estas ações ocorrem, a escola, Priotto (2009, p. 169) define violência escolar como: “todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais,” além de danos realizados contra a escola (patrimônio), atos criminosos, marginais e discriminatórios, praticados dentro da comunidade escolar por alunos, professores, funcionários e familiares (PRIOTTO, 2009).

A violência/agressividade escolar está sendo caracterizada como um fenômeno que pode ser reflexo da realidade social em que a escola está inserida. Esta agressividade na escola está frequentemente ligada à intimidação, à rejeição, aos maus tratos, ou qualquer abuso realizado por uma criança contra a outra (MENDES, 2010 e ESPIHEIRA, 2009).

2.2 BULLYING

Considerando a violência escolar e o fenômeno *bullying*, surge uma legislação em 2015, sob o título: Programa de Combate à Intimidação Sistemática: *Bullying*, determinada pela lei N° 13.185 de novembro de 2015 (BRASIL, 2015):

Art. 1o - Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática: (*Bullying*) em todo o território nacional”.

§ 1o No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional

e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

O *bullying* é um ato de violência física ou verbal, que pode causar consequências que vão desde o emocional das crianças e adolescentes afetados até retardo na aprendizagem dos mesmos, ocorrendo principalmente dentro do contexto escolar. O fenômeno é definido como comportamentos de cunho agressivo e de forma persistente, realizados por um indivíduo ou um grupo, contra um ou mais indivíduos e caracterizado por geralmente não haver defesa das vítimas, ou seja, qualquer tipo de comportamento ou agressão entre pares, em que um ou mais indivíduos abusam intencionalmente da vítima. Também é definido como ações agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento à vítima, sendo realizadas dentro de uma desigualdade de poder (VECHI, 2012; OLEWUS, 1993; NETO, 2004).

Existe um grande risco de os indivíduos envolvidos no fenômeno desenvolverem transtornos alimentares e emocionais, como ansiedade, abuso de drogas e suicídio. Essas ações podem ser algumas das consequências mais desastrosas da ocorrência do *bullying* (CONFEEF, 2017).

Uma parte dos autores de *bullying*, também são alvos ou conhecidos como vítima agressora: reproduz a violência sofrida. Podem ser depressivos, inseguros e inoportunos, procurando humilhar os colegas esconder parte das agressões recebidas. Sintomas depressivos, pensamentos suicidas e distúrbios psiquiátricos são mais frequentes nesse grupo. Algumas condições familiares podem favorecer o desenvolvimento da agressividade nas crianças como: falta de estrutura familiar, o relacionamento afetivo pobre, o excesso ou a falta de tolerância e maus-tratos ou violência física. Assim como a falta de controle emocional dos pais ou responsáveis como tentativa de imposição de poder (NETO, 2004; SILVA, 2010; FANTE, 2005).

Já os que assumem os papéis de testemunhas ou espectadores não se envolvem diretamente em atos de *bullying*, temendo ser a próxima vítima e geralmente não sabem agir ou reagir diante desses atos. Testemunham as ações de agressores contra as vítimas, mas não sofrem, nem praticam o *bullying* (LOPES, 2005; SILVA, 2010; FANTE, 2005, SANTOS et al, 2015).

Em 2013, porém, a UNESCO apresenta uma nova categoria do fenômeno, o *bullying* homofóbico, que é motivado pela orientação sexual ou identidade de gênero real ou percebida da vítima. O *bullying* homofóbico apresenta-se de várias formas desde zombar ou xingar alguém a praticar isolamento social, *cyberbullying*, agressão física ou sexual, em casos extremos ameaças de morte. Este fenômeno ocorre em todos os países, independentemente de suas crenças ou culturas. “A discriminação baseada em orientação sexual e identidade de gênero real ou percebida é tão inaceitável quanto a discriminação baseada em raça, sexo, cor, deficiência ou religião” (UNESCO, 2013, p. 12).

2.3 RELACIONANDO O GÊNERO E O *BULLYING* ESCOLAR

A educação é um dos processos mais eficientes na constituição das identidades de gênero e sexual. Por isso é muito importante que assuntos relacionados ao gênero e diversidade sexual sejam abordados durante o processo de ensino aprendizagem. Sendo assim “o professor é mediador e organizador do processo pedagógico, favorece a visão de conjunto sobre a situação, e propõe outras fontes de informação, colocando o aluno em contato com outras formas de pensar” (NOGUEIRA, 2010, p. 14).

Deve-se dar atenção especial para a forma com que os educadores encaram a discussão da sexualidade, pois muitos pensam que se deixar de tratar desses problemas, a sexualidade ficará fora da escola. “À educação compete deixar claro que tanto homens quanto mulheres têm os mesmos direitos e deveres, sempre deixando o preconceito e a discriminação de

lado ao realizar a abordagem” (NOGUEIRA, 2010, p. 17). As escolas tendem a reforçar normas e padrões a serem seguidos por meninos e meninas, de acordo com papéis normatizados para cada sexo, incentivando preconceitos na escola (MATTOS; JAEGER, 2015).

O gênero se amplia para além da noção de papéis sociais, abrangendo todas as formas de uma construção social, cultural e linguística dentro das quais se diferenciam homens e mulheres, incluindo seus corpos. “Estudiosas e estudiosos feministas têm empregado o conceito de gênero para se referir ao caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (LOURO, 200, p. 64), assim sendo, as identidades de gênero trazem a população às várias formas de viver e enxergar a masculinidade ou a feminilidade. Referir-se a meninos e meninas ou homens e mulheres sempre na forma masculina favorece uma superioridade de um gênero sobre o outro (NOGUEIRA, 2010).

Segundo Merlim (2013, p. 292) em relação ao gênero, “as manifestações do *bullying* parecem refletir o mesmo processo de socialização que condiciona o desenvolvimento de identidade sexual”. Segundo o mesmo autor, considerar a relação entre gênero e *bullying* num contexto cultural e de desenvolvimento nos ajuda a compreender a participação de meninos e meninas neste fenômeno e as várias formas de manifestação de agressão e vitimização.

Os gêneros masculino e feminino devem ser apresentados como uma variável em estudos que poderão ser realizados sobre o tema, pois o envolvimento de ambos é diferenciada no que se diz respeito ao *bullying*. Alunos de vários países têm seu direito básico à educação negado por causa do *bullying* escolar. A comunidade escolar encara o *bullying* na escola como algo “normal”, mas o bullying é um problema sério que afeta a educação. A violência e o *bullying* motivados por orientação sexual e identidade de afetam todos os alunos que não respeitam as normas sexuais e de gênero preponderantes no meio em que estão inseridos (ESPINHEIRA, 2009 e JABES e COSTA, 2013; UNESCO, 2013; HUTZ e BANDEIRA, 2012).

▶ 3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para este estudo foi baseada em Revisão Sistemática. A pesquisa foi realizada utilizando os sites de busca: Scielo, Bireme e Legislação Brasileira utilizando os marcadores: *bullying*, gênero e violência em ambiente escolar. Os artigos selecionados foram apenas em português.

3.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.

Foram incluídos estudos originais sobre os temas *bullying*, identidade de gênero e violência escolar. Os quais apresentavam a relação do termo *bullying*, violência e gênero relacionados ao ambiente escolar. Foram também critérios de inclusão: o público crianças em ambiente escolar, gênero, artigos, teses e monografias publicados em um período de 1999 a 2017 e publicados no idioma português. Foram excluídos estudos realizados com o público adulto, em ambientes fora do ambiente escolar e em outros idiomas, que não o português.

3.2 ESTRATÉGIA DE BUSCA.

A pesquisa dos artigos foi realizada na base de dados Scielo, Bireme e Biblioteca virtual de Legislação Brasileira utilizando-se os seguintes marcadores: *bullying*, gênero e violência em ambiente escolar. Foram também utilizadas como fonte para a pesquisa as referências bibliográficas utilizadas nos artigos incluídos neste estudo.

Inicialmente realizou-se uma avaliação dos artigos com base em seus títulos e sua relação com o tema escolhido para o estudo e o público utilizado como amostra. Após realizou-se uma breve leitura dos resumos dos artigos e em seguida seu conteúdo e se este tivesse relação com o tema escolhido para o artigo.

► 4 RESULTADOS

A pesquisa encontrou 164 artigos, destes, 27 no site Bireme, 37 no site Scielo. Destes artigos 50 foram selecionados pelos títulos. Após 26 foram selecionados para leitura dos resumos. Destes foram selecionados para o estudo 18 para leitura completa e apenas 15 artigos apresentaram as consequências e principais características do fenômeno *bullying* escolar relacionando-os à influência do gênero nas ações de violência e relações entre pares. Dos artigos selecionados para o estudo, listados a seguir nas Tabela 1; Tabela 2 e Tabela 3, estão os artigos que apresentam as características da violência e ambiente escolar e suas consequências; características do *bullying* escolar e suas consequências e a relação entre gênero e o *bullying* escolar, respectivamente.

Tabela 1 - Violência e ambiente escolar.

Autores/ ano de publicação	População/ Amostra.	Objetivo	Resultados
Braga, L. L., Dell’Aglia, D. D. (2013)	Revisão não sistemática de literatura, a partir de estudos nacionais e internacionais sobre o tema.	Discute fatores de risco ao suicídio na adolescência, bem como características epidemiológicas de jovens que tentam ou cometem suicídio.	Os resultados apontaram como principais fatores de risco ao suicídio na adolescência: a presença de eventos estressores ao longo da vida, a exposição a diferentes tipos de violência, uso de drogas lícitas e/ou ilícitas, problemas familiares, histórico de suicídio na família, questões sociais relacionadas à pobreza e à influência da mídia, questões geográficas e depressão.

Rosário, A. C.; Candeias, A e Melo, M. (2017)	80 estudantes do 3.º ciclo do ensino básico (7.º – 9.º anos), avaliados com o QEVE, em dois momentos (7.º e 9.º anos)	Caracterizar comportamentos de violência entre pares, em função do nível de escolaridade, género e variáveis socioafetivas.	As ações de vitimização e agressão mais frequentes são a exclusão social e a agressão verbal; os rapazes encontram-se mais envolvidos em situações de <i>bullying</i> físico do que as meninas.
Rondini, C. A.; Filho, F. S. T.; Toledo, L. G. (2017)	2.159 estudantes do ensino médio, distribuídos em três idades do Oeste Paulista	Mapear os fatores homofóbicos que estariam presentes nas opiniões dos participantes sem que para tal fosse necessário entrevistá-los.	Ao que parece, apesar de a homossexualidade ser tema frequente na mídia (...), ainda encontramos preconceito no contexto escolar.

Tabela 2 – Principais características do *bullying* escolar e suas consequências.

Autores/ ano de publicação	População/ Amostra.	Objetivo	Resultados
Zequinão et al (2016)	409 crianças e adolescentes do 3º ao 7ºano, com média de idade de 11 anos (SD = 1,61), matriculadas em duas escolas públicas municipais da Grande Florianópolis.	Analisar a associação entre o papel do espectador com os outros possíveis papéis de participação no <i>bullying</i> .	Verificou-se que a maioria dos participantes assumia o papel de espectador no <i>bullying</i> escolar.

<p>Santos, M. M., Perkoski, I. R., Kienen, N. (2015)</p>	<p>Compuseram a amostra 83 alunos e seis professores de uma escola pública de uma cidade da Grande Florianópolis/SC.</p>	<p>Caracterizar a percepção de professores e alunos de ensino fundamental em relação às consequências, medidas preventivas e atitudes adotadas frente ao <i>bullying</i>.</p>	<p>Foi possível identificar que tanto professores quanto alunos perceberam as consequências do <i>bullying</i> para a vítima, porém demonstraram dificuldade em identificar consequências negativas para os envolvidos no fenômeno.</p>
<p>Brito CC, Oliveira MT (2013)</p>	<p>A amostra foi composta por 237 alunos, do 9º ano do ensino fundamental, em escolas públicas municipais do Programa Saúde na Escola de Olinda (PE).</p>	<p>Realizar diagnóstico situacional do <i>bullying</i> e autoestima em unidades municipais de ensino, por meio de estimativa da prevalência do <i>bullying</i>, segundo o sexo, faixa etária e situação do ator; identificar o nível de autoestima dos escolares segundo sexo e situação do ator e correlacionar com o envolvimento em situações de <i>bullying</i>.</p>	<p>Associou os papéis de <i>bullying</i> e autoestima em relação ao sexo verificou-se que no grupo de vítimas/agressores e agressores e que o sexo masculino apresentou escores de autoestima superiores estatisticamente significativos em relação aos do sexo feminino.</p>

Tabela 3 - Relacionando gênero ao *bullying* escolar.

Autores/ ano de publicação	População/ Amostra.	Objetivo	Resultados
Melim, M., Pereira, B. (2013)	A amostra foi composta por 1818 estudantes de escolas portuguesas, com média de idade 12,5.	Descrever como as variáveis gênero e idade ajudam a entender o fenômeno <i>bullying</i> e sua importância nas intervenções escolares.	Não existem diferenças significativas entre os gêneros e as ações de <i>bullying</i> , o que significa que os dois gêneros são igualmente vulneráveis as ações de <i>bullying</i> .
Mattos, M. Z.; Jaeger, A. A. (2015)	A amostra foi composta por 95 meninos e meninas de 4 ^a a 8 ^a series de uma escola pública.	Analisar as interfaces entre o <i>bullying</i> e as relações de gênero no contexto escolar, identificando essa manifestação entre meninos e meninas no ensino fundamental em uma escola pública na cidade de Santa Maria-RS.	O <i>bullying</i> se destaca através da agressão verbal e seus protagonistas são, em sua maioria, do sexo masculino.
Jabes, V. R. G. e Costa, J. B. O. (2015)	A amostra foi composta por 52 alunos do 5 ^o ano do Ensino Fundamental escola pública municipal, localizada num bairro periférico da cidade de Presidente Prudente (SP).	Identificar se existem diferenças entre a prática do <i>bullying</i> exercida por meninos e meninas, sua intensidade e características.	Existem diferenças na prática do <i>bullying</i> exercido por meninos e meninas. Eles são mais agressivos e fazem uso da força física, de fácil identificação; já as meninas apresentam sutileza nas suas agressões, tornando difícil a identificação da prática.

<p>Wenetz I. et al (2013)</p>	<p>A amostra foi composta pelas turmas de segunda e terceira série do ensino fundamental de uma escola pública de Porto Alegre, no Brasil</p>	<p>Compreender como são atribuídos significados de gênero que constituem modos diferenciados de ser menino ou menina no espaço do recreio</p>	<p>Existe uma ocupação dos espaços do pátio da escola segundo o gênero, que inclui diferentes maneiras de ocupação e negociação configurando uma geografia do gênero.</p>
<p>Bandeira C. M; Hutz C. S. (2012)</p>	<p>A amostra foi composta por 465 estudantes, sendo 52,7% do sexo masculino.</p>	<p>Levantar a ocorrência de <i>bullying</i> em crianças e adolescentes escolares da cidade de Porto Alegre.</p>	<p>Os resultados encontrados neste estudo apontaram para um número elevado de estudantes envolvidos em <i>bullying</i> e para diferenças entre meninos e meninas quanto ao fenômeno <i>bullying</i>.</p>
<p>Santos, H. M.; Silva S. M; Menezes, I. (2017)</p>	<p>A amostra foi composta por 36 grupos de discussão focalizada com 232 raparigas e rapazes em 12 escolas públicas do Norte de Portugal.</p>	<p>Aprofundar o conhecimento sobre <i>bullying</i> homofóbico nas escolas em Portugal, a partir de uma pesquisa qualitativa alicerçada nas representações e experiências de jovens alunos/as nas escolas públicas do ensino secundário.</p>	<p>Tanto a violência homofóbica quanto o geralmente designado <i>bullying</i> homofóbico devem ser lidos a partir de uma conceção universalista que reconhece estes fenômenos como atentando contra os direitos e a cidadania de todos/as nós.</p>

<p>Guimarães, J.S. (2017)</p>	<p>Estudo etnográfico de duas escolas públicas do segundo ciclo do ensino fundamental de duas Capitais: São Paulo e Salvador.</p>	<p>Compreender qual é o papel do <i>bullying</i> no processo de construção de identidade de gênero entre meninas.</p>	<p>Os garotos eram mais diretamente agressivos, utilizando insultos e apelidos orientados pela raça/cor, características físicas e orientação sexual dos colegas.</p>
<p>Monteiro, R. P. et al (2017)</p>	<p>Participaram 300 crianças (M = 11,07; DP = 1,31) de escolas públicas e particulares, as quais responderam a Escala de comportamentos de <i>Bullying</i>, o Questionário dos Valores Básicos – Infantil e perguntas demográficas.</p>	<p>Conhecer em que medida os valores humanos predizem o <i>bullying</i>, testando o papel moderador das variáveis sexo e idade.</p>	<p>Os resultados indicaram que os valores das subfunções interativa e realização predisseram comportamentos de <i>bullying</i>.</p>
<p>Linhares et al (2013)</p>	<p>As quatro maiores escolas da rede municipal de Itaperuna e aplicado um questionário sobre <i>bullying</i> em 141 estudantes.</p>	<p>O objetivo foi analisar a relação do gênero com os tipos de <i>bullying</i> mais frequentes nas aulas de Educação Física Escolar do 6º ano do Ensino Fundamental.</p>	<p>Verificou-se que as diferenças entre os sexos não foram significativas, sendo mais encontrado nas meninas vítimas de <i>bullying</i> o tipo verbal e o psicológico/moral e nos meninos vítimas o verbal e psicológico/moral.</p>

► 5 DISCUSSÃO

Segundo Mattos e Jaeger (2015) a cultura da violência está presente no cotidiano escolar, apontando o *bullying* como um problema central. Dentro deste fenômeno, conhecido como *bullying* escolar, existem vários papéis a serem desempenhados e várias formas que podem ser realizadas as agressões. Em relação a esses atos violentos, um estudo realizado por Santos et al (2015) verificou que 98,8% dos alunos relataram já ter testemunhado agressões, e 49,9% não tomaram nenhuma atitude, características típicas de testemunhas das ações agressivas. Resultado que corrobora com o encontrado por Zequinão et al (2016), em que a maioria dos participantes assumia o papel de espectador no *bullying* escolar (SANTOS et al, 2015; ZEQUINÃO et al, 2016).

Em relação ao gênero, segundo o estudo realizado por Jabes e Costa (2013) a agressão física foi predominante entre os meninos (27%). Já entre as meninas (24%) predominaram as agressões verbais. Em relação à quando estas agressões acontecem, os meninos têm uma maior iniciativa para contar os acontecimentos aos professores e amigos, (31% e 23% respectivamente). Um percentual bastante elevado de meninas (45%) não revela a ninguém que estão sendo agredidas física ou psicologicamente. Outro dado interessante encontrado no estudo é que a prática do *bullying* se dá de igual para igual, ou seja, as meninas (60%) agredem mais meninas e os meninos (92%) agredem mais meninos. Resultados que corroboram com os encontrados por Rosário et al (2017) onde as condutas de vitimização e agressão mais frequentes são a exclusão social e a agressão verbal. Neste mesmo estudo, percebeu-se que os rapazes tendem a estar mais envolvidos em situações de *bullying* físico do que as meninas. Os alunos que tinham a percepção de ter amigos revelam-se sentir-se mais protegidos (ROSÁRIO et al, 2017; JABES e COSTA, 2013).

Os resultados encontrados no estudo de Hutz e Bandeira (2012) apontaram um número elevado de estudantes envolvidos em *bullying* e

para diferenças entre meninos e meninas quanto ao fenômeno *bullying*. As meninas se identificaram mais como vítimas e testemunhas e os meninos, mais como agressores e vítima/agressores. Segundo o estudo de Mattos e Jaeger (2015) os meninos se sobressaíram às meninas nos casos que envolviam o fenômeno *bullying*. Os meninos se destacaram como agressores e vítimas, utilizando mais da violência física, já as meninas utilizaram mais a agressão verbal. (ESPINHEIRA, 2009; 2013; HUTZ e BANDEIRA, 2012).

Segundo o estudo realizado por Linhares (2013), foi observado que existiam mais meninas vítimas e testemunhas e meninos agressores e vítimas agressoras. As meninas que participaram do estudo relataram que recorreram a ajuda de até oito pessoas para realizar a agressão, já os meninos realizaram sozinhos. Segundo o mesmo autor, no que se refere às meninas o tipo de *bullying* psicológico/moral é realmente mais comum, pois não se espera delas agressão física. Outro fator observado é que meninas tendem a persuadir mais outras pessoas para realizar o *bullying* quando comparadas com os meninos. Já em relação aos meninos o tipo de *bullying* mais frequente dentro da literatura é o físico (LINHARES, 2013).

Em um estudo realizado por Brito, Oliveira (2013) a prevalência de *bullying* foi de 67,5%. Presenciar ou sofrer *bullying* foram as situações mais registradas (59,9% e 48,9%, respectivamente). Quando se associou os papéis de *bullying* e autoestima em relação ao sexo verificou-se que no grupo de vítimas/agressores e agressores ($p = 0,006$ e $0,044$; respectivamente), o sexo masculino apresentou escores de autoestima superiores estatisticamente significativos em relação aos do sexo feminino (BRITO e OLIVEIRA, 2013).

Em sua tese de Doutorado, Guimarães (2017) apresenta alguns estudos interessantes sobre as percepções de atividades e ações socialmente aceitas para cada gênero, onde apresenta a pesquisa “Por ser menina” realizada pela PLAN Internacional Brasil (2014) e nesta aponta que a percepção das meninas que acreditam que não tem os mesmos direitos que os meninos (37,7%) (GUIMARÃES, 2017).

Relacionando o gênero ao recreio escolar Wenetz (2013) realizou um estudo, onde observou crianças de uma determinada escola em seu espaço de recreio escolar. Nesta pesquisa, os autores citam entrevistas que realizaram com algumas crianças que participaram da pesquisa. Em algumas dessas entrevistas perceberam que os alunos faziam comentários sobre quais ações deveriam ser certas ou aceitas para “meninos ou meninas”. Os pesquisadores não encontraram apelidos para estes alunos em sua pesquisa, mostrando que o que acontecia era de uma maneira mais sutil (WENETZ, 2013).

5.1. POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO

A responsabilidade cabe aos professores e responsáveis pelas instituições escolares, estes devem evitar que a evasão escolar e as ocorrências do *bullying* ocorram no ambiente escolar. A lei N° 13.185 de novembro de 2015: Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática: *Bullying*, que tem como objetivo, segundo o Art. 4° (BRASIL, 2015):

II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores.

“Art. 6° - Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (*bullying*) nos Estados e Municípios para planejamento das ações.

Segundo a Cartilha lançada pelo Conselho Nacional de Justiça, p 12 traz o seguinte: “A escola é corresponsável nos casos de *bullying*, pois é lá onde os comportamentos agressivos e transgressivos se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes”. A direção da escola deve avisar os pais e demais órgãos que visem a proteção à criança e ao adolescente (SILVA, 2015).

Se “cada gênero vivencia, interpreta e reage à violência de maneira distinta, é necessário então que a escola pense em estratégias de prevenção que considere as especificidades físicas, psicológicas e sociais dos gêneros” (JABES e COSTA, 2013, p. 77). Os fatores que influenciam o conceito de gênero se modificam de acordo com o tempo e com a cultura. Então aconselha-se a estudar a cultura presente na cidade ou sociedade em que a escola e estudantes estão inseridos para tomar medidas preventivas contra as ações relacionadas ao *bullying* escolar (LINHARES, 2013).

Considerando que há uma influência do gênero no *bullying* escolar e que as manifestações do fenômeno podem ser observadas dentro de seu ambiente deve-se considerar que um dos momentos no qual é possível perceber as ações de *bullying* e a interação entre pares é durante o recreio escolar, quando há maior ocorrência se comparado com outros ambientes, como corredores e salas de aulas. A maioria dos estudos realizados sobre o *bullying* em contexto escolar, realizam observações ou intervenções durante o recreio escolar, pode-se perceber que há influência inclusive dos espaços para o recreio nas ações do fenômeno e que um recreio dirigido pode ser uma ferramenta potente de intervenção, considerando a sociedade em que a escola está inserida (PEREIRA, 2002).

As possibilidades de intervenção irão depender da realidade social do país, incluindo suas leis e culturas. O *bullying*, e suas subdivisões, criam ambientes escolares inseguros. Cabe aos gestores educacionais usar das políticas públicas existentes para prevenir a violência e o *bullying*, e tornar a aprendizagem e a convivência escolar mais segura (UNESCO, 2013).

Os professores devem realizar atividades cujo objetivo é incentivar a verbalização de emoções, que proporcionem a melhora da autoimagem e a conscientização social das crianças, de maneira que elas consigam aprender a lidar melhor com suas relações interpessoais podendo auxiliar na diminuição das ações relacionadas ao *bullying* escolar (DEBARBIEUX, 2002).

As manifestações do *bullying* podem ser observadas por pais e educadores, pediatras e demais participantes do dia a dia dos indivíduos envolvidos no fenômeno. Através da observação pode ser promovido mudanças, no ambiente escolar e familiar. As consequências da intimidação sistemática podem não se restringir apenas na infância, podendo afetar a adolescência e a vida adulta dos envolvidos. Em países em que a orientação sexual e a identidade de gênero são questões delicadas, as instituições de ensino superior possivelmente são o melhor lugar para começar estudos sobre a intimidação sistemática e sua relação com a identidade de gênero (UNESCO, 2013 e ALMEIDA, 2008).

Dentro dessas instituições de ensino superior existe, dentro da área da saúde e educação, a Educação Física. As aulas de Educação Física podem ser utilizadas como ferramenta potente para intervir nas ações de *bullying* ou, ao contrário, causar essas ações, se não houver planejamento, acarretando situações de “competitividade, agressividade e até discriminação” (CONFEEF, 2017, p 20).

As intervenções podem ser diretas ou indiretas, o professor pode dialogar sobre todos os efeitos negativos que o fenômeno pode causar à vida de terceiros. O professor pode ser um instigador se for indiferente às ações de preconceito. O preconceito sendo tema de discussões “pode ser melhor entendido pelos alunos, minimizando os atos que visam diminuir alguém” (CONFEEF, 2017, p. 21).

► 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o gênero tem forte influência nas ações de *bullying* que ocorrem no ambiente escolar e que essas ações são diferenciadas de acordo com o gênero: os meninos são os que mais realizam as ações de *bullying*, sendo em sua maioria o *bullying* direto. As meninas também têm participação nas ações de *bullying*, como agressoras, em sua maioria realizam

o *bullying* indireto. Além das ações de *bullying* relacionadas ao gênero, existe uma linha do fenômeno que ocorre por causa da percepção de gênero ou identidade de gênero: o *bullying* homofóbico, que também requer atenção.

Deve-se estar sempre atento as manifestações do fenômeno, entender que este pode sofrer influências de vários aspectos, dentre eles o gênero ou a identidade de gênero. As formas de intervenção irão depender da cultura em que a escola está inserida e da capacitação dos profissionais que trabalham nestas instituições. Também irá depender de como são identificadas as ações e se estas são interrompidas a tempo, antes de causar mais danos, tanto aos agressores quanto às vítimas. Por isso, uma das opções de intervenção seriam as atividades realizadas durante o recreio escolar, dentro do ambiente escolar, momento em que há maior ocorrência do *bullying* e que é possível perceber as ações dos alunos e suas interações, possibilitando uma intervenção mais efetiva.

Espera-se que os resultados deste estudo propiciem uma nova postura frente à sociedade em geral, desde os órgãos públicos para a implantação de políticas públicas que diminuam os índices de violência nas escolas, por meio da utilização da mídia conscientizando estudantes, alertando pais, professores e funcionários para a prática do *bullying* escolar. Na escola é imprescindível a cooperação de todos que estão diretamente ligados ao contexto escolar para que o problema seja efetivamente controlado por meio de reuniões com pais, professores e alunos, palestras e mesmo atividades em grupo referindo-se à temas como trabalhar a amizade, a solidariedade, a não-violência e o amor entre as pessoas. Por ser uma temática nova os estudos ainda estão restritos. Deve-se dar uma atenção em especial ao aprimoramento dos estudos direcionados ao tema, facilitando o entendimento e procurando auxiliar em alternativas viáveis para minimizar tais situações.

► 5 REFERÊNCIAS

- 1 NETO, A. A. L. (2005). “*Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes.” *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164-172.
- 2 FANTE, C. “Fenômeno *bullying*: como prevenir a violência e educar pela paz.” São Paulo: Verus. 2005.
- 3 CONFEF-CREF. “*bullying* e a Educação Física: entenda a relação e saiba como agir.” ISSN 22388656. Ano XVI- nº 64- junho-2017.
- 4 BRASIL. Programa de Combate à Intimidação Sistemática: *Bullying*. Lei N° 13.185 de novembro de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm. Acesso em: 19 ago. 2017.
- 5 LOURO, G. L. Corpo, escola e identidade. *Educação x Realidade* 25(2):59-76 JUL/DEZ, 2000.
- 6 OLWEUS, D. (1993b). *Bullying at school. What we Know and we can do*. Oxford: Blacwel.
- 7 MERLIM, M., PEREIRA, B. (2013) *Bullying*, Gênero e Idade. In P. Silva S. Souza, I. Neto (Eds.), *O desenvolvimento humano: perspectivas para o século XXI – Memória, Lazer e Atuação Profissional*. Volume 1 (292-316). São Luís: EDUFMA. (ISBN:978-85-7862-294-7)
- 8 BRAGA, L. L., DELL’AGLIO, D. D. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. Rio Grande do Sul Contextos Clínicos, vol. 6, n. 1, janeiro-junho 2013.

- 9 ROSÁRIO, A. C.; CANDEIAS, A e MELO, M. Violência entre pares na adolescência: Um estudo com estudantes no início e no final do 3.º ciclo do ensino básico. Universidade de Évora 2 CIDEHUS- UÉ Portugal. Revista PSICOLOGIA, 2017, Vol. 31(2), 57-68. doi: 10.17575/rpsicol.v31i2.1153
- 10 RONDINI, C. A.; FILHO, F. S. T.; TOLEDO, L. G. Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio. 2017 I volume 28 I número 1 I 57-71
- 11 ZEQUINÃO MA, MEDEIROS P, PEREIRA B, CARDOSO FL. Associação entre espectador e outros papéis no *bullying* escolar. J Hum Growth Dev. 2016; 26(3): 352-359. Doi <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.122819>
- 12 SANTOS, M. M., PERKOSKI, I. R., KIENEN, N. *Bullying*: Atitudes, Consequências e Medidas Preventivas na Percepção de Professores e Alunos do Ensino Fundamental ISSN 1413-389X Trends in Psychology / Temas em Psicologia – 2015, Vol. 23, nº 4, 1017-1033 DOI: 10.9788/TP2015.4-16
- 13 BRITO C.C., OLIVEIRA M.T. *Bullying* e auto-estima de adolescentes de uma escola pública. J Pediatr (Rio J). 2013;89:601-7.
- 14 MATTOS, M. Z.; JAEGER, A. A. *Bullying* e as relações de gênero presentes na escola. Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 349-361, abr./jun. de 2015.

15 JABES, V. R. G., COSTA, J. B. O. O *bullying* escolar na perspectiva do genero masculino e feminino. Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 10, n. 2, p.63-78, jul/dez 2013. DOI: 10.5747/ch.2013.v10.n2.h143

16 WENETZ , I. ; STIGGER, M. P; MEYER, D. E. “As (des) construções de gênero e sexualidade no recreio escolar.” Rev Bras Educ Fís Esporte, (São Paulo) 2013 Jan-Mar;27(1):117-28

17 BANDEIRA C. M; HUTZ C. S. *Bullying*: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012: 35-44.

18 SANTOS, H. M.; SILVA S. M; MENEZES, I. Para uma visão complexa do *bullying* homofóbico: desocultando o cotidiano da homofobia nas escolas. ex æquo, n.º 36, 2017, pp. 117-132. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2017.36.07>

19 GUIMARÃES, J.S. *Bullying* como forma de sociabilidade infantil: um estudo sobre práticas interacionais entre meninas na construção de identidades de gênero.2017.215f. (Tese de Doutorado em Ciências) Faculdade de Saude Publica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

20 MONTEIRO, R. P., MEDEIROS, E. D., PIMENTEL, C. E., SOARES, A. K. S., MEDEIROS, H. A., GOUVEIA, V. V. Valores Humanos e *Bullying*: Idade e Sexo Moderam essa Relação? ISSN 1413-389X Trends in Psychology / Temas em Psicologia – Setembro 2017, Vol. 25, nº 3, 1317-1328 DOI: 10.9788/TP2017.3-18Pt.

21 LINHARES, R. D.; FARIA, J. P. O.; LINS, R. G. O *bullying* na educação física escolar e sua diferença entre meninos e meninas. *Pensar a Prática*, Goiania, v.16, n.2, p.320-618, abr./jun. 2013.

22 CANDAU, V.; LUCINDA, M. C. e NASCIMENTO, M. G. *Escola e violência* (Rio de Janeiro: DP & A), 1999.

23 PRIOTTO, E. P.; BONETIB, L. W. “Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola.” *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, jan./abr. 2009.

24 DEBARBIEUX, É; BLAYA, C. *Violência nas escolas: dez abordagens europeias*. – Brasília : UNESCO, 2002.

25 MENDES, C. S. “Violência na escola: conhecer para intervir.” *Revista: Referencia. II Série - n.º12 - Mar. 2010*.

26 ESPINHEIRA, F.; JÓLLUSKIN, G. – “Violência e *bullying* na escola: um estudo exploratório do 5º ano de escolaridade.” *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa ISSN 1646-0502.6 (2009) 106-115*.

27 VECHI, A. D. K. *Bullying: o perigo nas escolas*. Anhanguera: *Revista Educação. V.15.nº19.pg.37-52. 2012*.

28 NETO AA, Saavedra LH. *Diga NÃO para o Bullying*. Rio de Janeiro: ABRAPI; 2004

29 SILVA, A. B. B. “*Bullying*: mentes perigosas nas escolas.” Rio de Janeiro: Rev. Objetiva, 2010.

30 LOPES N. A. A. “*Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes. ” J Pediatr (Rio J). 2005;81(5 Supl):S164- S172

31 BRASIL. Resposta do Setor de Educação ao *bullying* homofóbico. – Brasília: UNESCO, 2013. 60 p. ISBN: 978-85-7652-178-5

32 NOGUEIRA, D. M. Gênero e sexualidade na educação. Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, ISSN 2177-8248 Universidade Estadual de Londrina, 24 e 25 de junho de 2010 GT 6. Gênero e Educação – Coord. Adriana de Jesus.

33 SILVA, A. B. B. Cartilha - Projeto Justiça nas Escolas - *Bullying*. Conselho Nacional de Justiça. Brasília/DF, 2ª edição, 2015.

34 PEREIRA, B. Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às atividades. Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho, Diário de Notícias. Ensino – Mudança pela Qualidade, Julho - 2002.

35 ALMEIDA, KL; SILVA, AC; CAMPOS, JS. “Importância da identificação precoce da ocorrência do *bullying*: uma revisão de literatura.” Rev Pediatría, 9(1): 8-16, jan./jun. 2008.